

## **DIÁRIOS DE BORDO: UM CAMINHAR ENTRE A ARTE E A EDUCAÇÃO E SEU PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO**

**DANIELE MORAES DA SILVA<sup>1</sup>; ANDRISA KEMEL ZANELLA<sup>2</sup>; MARIA HELENA  
MENNA BARRETO ABRAHÃO<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – moraesdani00@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – andrisa.kemel@ufpel.edu.br*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – abrahaomhmb@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente texto trata de um mapa estético e pedagógico que no decorrer do curso de especialização em Educação, no Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, foi sendo preenchido, marcado e remarcado. Neste mapa encontraremos uma escrita que aborda questões relacionadas à arte, à educação e processos de ensino aprendizagem. Estes pontos serão expostos e/ou apontados através de diários de bordo, os quais carregam todas as passadas e todos os trajetos percorridos ao longo deste processo. Nestes diários está contido todo o processo de criação que ocorreu na trajetória da artista-pesquisadora. A arte é onde trago à tona minhas angústias, dúvidas, encontros e desencontros, tanto questões de vida/mundo quanto na/da educação. Nesta abordagem, o desejo é de que ocorra fora da linha tradicional, fora da coordenada e repleta de (des)coordenadas, assim dizendo, que seja de uma forma inovadora, intuitiva e criativa de elaborar um artigo e produzir uma escrita. A escrita foi preenchida de vivências, sentimentos, experiências e arte. Uma arte criativa e colaborativa que gere possibilidades de uma produção de subjetividades, não apenas dentro, mas principalmente, fora e além das paredes da sala de aula, escola e além mundo normativo e impositivo.

Para dar voz, letra e sentimento a esta pesquisa, quem lhes conduzirá nessa caminhada? Uma artista visual, gravadora, pesquisadora, que traça percursos em/na educação e que traz sua bagagem cheia de anseios, angústias, medos, dúvidas, mas que jamais deixa de sonhar e lutar em prol do que acredita.

A partir de autores e autoras como CORAZZA (2006; 2013) e ROLNIK (2014; 2018), por exemplo, que são de vertentes relacionadas a este desbravar mais subjetivo, ocorreu experiências que se transformaram em partes integrantes desta escrita. Dentro da pesquisa desenvolvida os principais objetivos foram a ressignificação de todo e qualquer sentido vivido tanto em sala de aula quanto

fora dela. Pensar em um ensino focado na aprendizagem de fato e não apenas na absorção de conhecimentos e, acima de tudo isso, o anseio por desmascarar sentidos. A partir destes quereres, dentro desta temática, trago registros, escritos, produções e arte dentro dos meus diários de bordo. Estes diários são diversos cadernos os quais me acompanham no dia a dia e nos quais registro todo e qualquer pensamento, dos mais simples aos mais complexos. Acredito que estes diários não fazem parte apenas da produção, os diários são a produção em si. Como artista visual, o processo criativo é muito amplo e é através dele que dou vazão a todos os atravessamentos que transbordam em meu peito e pensamento.

## **2. METODOLOGIA**

Atravesso aqui por mais uma página de um diário onde territórios existentes caminham para a criação de territórios existenciais. O método? Minha convivida, tão maravilhosa e tão bem recebida nesta pesquisa: cartografia!

A cartografia utilizada como metodologia fundamenta fortemente este estudo. O método cartográfico em uma pesquisa é o acompanhamento e marcação de processos bem como o ato de habitar diferentes territórios e transformar para conhecer. Mapear pontos e explorar territórios (in)existenciais assim como percorrer processos em que a subjetividade se faz presente a todo instante, me remete durante todo o percurso à utilização deste meio como método de pesquisa. De acordo com Passos e Barros (2009), se torna de grande valia pensarmos na reversão do sentido do método, isto é, no lugar de primeiro pensar e raciocinar para depois caminhar e dar início ao trajeto, fazer a inversão destas etapas. Neste ponto vamos ao encontro do objetivo deste escrito que é primeiramente caminharmos e então, ao longo do percurso encontrarmos/(re)descobrirmos metas, objetivos e verdades.

A cartografia por si só não carrega traços de um método denso, reservado, conservador, mas sim de algo que vai totalmente de encontro com estes. O método da cartografia não é nem está pronto, ele é puramente marcação, caminho, pista, questionamento. É a união entre pesquisa e pesquisador, entre espectador e proposito, entre arte e vida, entre mundos infinitos, particulares, conjugados, solitários e também povoados. Cartografar é preencher com respostas às pistas e indagações, um mapa em branco desenhado em uma folha cheia. Com a ideia de mapas inacabados e próprios de receber modificações, penso no encontro imagi-

nário com Rolnik (2014, p. 62): “A cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da Terra”.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Unindo a arte, a educação e uma escrita fora da rota, oriunda de diários de bordo, percebi que o aprendizado aqui não se separa do que sou nem do quero levar ao outro. Tudo foi união e troca, saberes e vivências que a produção dos diários me trouxe e me pôs à prova no questionamento: de que servirá tudo isso? Diários são relatos e verdades, trazê-los à tona em evidência de questões de arte e educação, apontou que o científico não está apenas na norma, mas sim e, todavia, na questão da proposição, da divisão, do compartilhamento de experiência chegando na identificação.

Após todo este período de aula presencial, encontro, (re)encontro, pandemia, aula remota, qualificação, (des)encontro, escrita e defesa, creio que sigamos errando muito com o mundo e seus habitantes. Isto é, temos teorias, dominamos leis, possuímos anos e anos de experiência nas mais diversas áreas, porém somos leigos ao lidarmos com (e para) o outro. Vamos tocar? Vamos sentir? Um artista deseja emoção e o mundo deseja fim para sua solidão!

Partindo do pressuposto de que, mediante a experimentação, cada ser que possua determinada dose de curiosidade em si, sairá de sua doce e agradável zona de conforto repleta de verdades absolutas, chegamos ao ponto crucial da pesquisa: a descoberta e criação de mundos e territórios para si e para o outro.

Em mais um encontro nesta pesquisa, um encontro com aquela a qual me identifiquei na (des)forma, no (re)pensamento, na arte e na artistagem, na educação e principalmente na (re)escrita que transformou o olhar e o criar, bem como o encanto por ter companhia na rota, no mapa, na pesquisa e no mundo aponto que:

A escrita-artista não é nunca simples. Ela não normatiza, não representa, não conta história, não ilustra nem narra o que se passou. Algo passa por ela. Traços, riscos, setas, marcas de espírito nela se exprimem e arrancam a significância do texto. De qual texto? Ondas, cascatas, olhos de ciclones, as palavras desse texto não correspondem a formas, mas só captam forças, que se exercem na folha em branco. Em branco? De jeito nenhum; pois, se assim fosse, o escritor poderia reproduzir um fato

exterior, que funcionasse como matriz de escrita. (CORAZZA, 2006, p. 35).

Ter encontrado o pensamento de Corazza nesta pesquisa contribuiu muito com a capacidade minha própria de enxergar uma potência de criação tanto no meu tema, quanto na forma de escrita, tanto nos meus diários quanto nas questões de diferentes formas de ensino e aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Lendo estas obras e autores, percebi que o coração ainda pulsa, gera emoção e a vontade e desejo de criar movimento de transição do já dito e estabelecido para o intuitivo e subjetivo.

#### 4. CONCLUSÕES

Perante tudo o que aqui foi apresentado, desejo novas significâncias e novas relevâncias à pesquisa, ao ensino e à educação. Da mesma forma que novos caminhos surgiram a partir da pesquisa na Especialização e trilharam rumo ao Mestrado em Educação, no qual novos desdobramentos dos mapas, e novas folhas dos diários, permitirão uma imersão mais profunda dentro de uma pesquisa que se expande a cada novo passo dado. Isto ocorrerá com o mais puro e sincero desejo: ir ali, ir lá, fazer a diferença e retornar para (re)começar e (re)criar um novo diário com novos mapas em branco.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Regina Benevides de.; PASSOS, Eduardo. **A Cartografia como método de pesquisa-intervenção.** In: Eduardo Passos; Virginia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens** – filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS – Doisa, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental** – transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição** – notas para uma vida não cafetinada. 2ª ed. São Paulo: n-1 Edições, 2018.